



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**A CONSTRUÇÃO DA RIVALIDADE ENTRE ATLETAS NO
JORNALISMO ESPORTIVO**

PEDRO WERNECK BRANDÃO

Rio de Janeiro

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

A CONSTRUÇÃO DA RIVALIDADE ENTRE ATLETAS NO JORNALISMO ESPORTIVO

Relatório de trabalho prático submetido à
Banca de Graduação como requisito para
obtenção do diploma de Bacharel em
Jornalismo.

PEDRO WERNECK BRANDÃO

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Kischinhevsky

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

B817ç Brandão, Pedro Werneck
A construção da rivalidade entre atletas no jornalismo esportivo / Pedro Werneck Brandão.
-- Rio de Janeiro, 2023.
39 f.

Orientador: Marcelo Kischinhevsky
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2023.

1. jornalismo. 2. rivalidades. 3. atletas.
4. podcast. 5. esporte. I. Kischinhevsky, Marcelo, orient. II. Título.

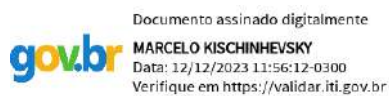
Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **A construção da rivalidade entre atletas no jornalismo esportivo**, elaborado por **Pedro Werneck Brandão**.

Aprovado por



Prof. Dr. Marcelo Kischinhevsky (orientador)

Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

Prof. Dr. Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Grau: A (10,0)

Rio de Janeiro, no dia 12/12/2023

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Beatriz, meu pai Alexandre, minha irmã Helena e meu irmão João, por serem a minha base, minha certeza de apoio e amor em qualquer caminhada que eu me proponha a fazer.

A Heloisa, Conrado, Teresa, Solange e demais familiares que também me dão tanta força desde os meus primeiros passos.

Aos meus amigos de tantos anos, abraços, risadas e conversas: Matheus, Vinicius, Ana, Carla, Luana, Victor, Breno, Guaraná, Xande, Murilo, Cássio, Xinou e Luisa.

À minha namorada Raquel, que preencheu a minha vida com amor, otimismo e leveza e tornou a minha reta final de graduação menos assustadora.

Aos meus queridos colegas da UERJ, em especial Bernardo, Ricardo, Carol e Amanda, que fizeram o meu desafiador início na universidade ser repleto de sorrisos.

Aos meus amigos da UFRJ, Francisco, Carlos Vinicius e Pedro, que me mostraram que a mudança poderia ser muito boa.

A todos os professores, do jardim de infância à universidade, que contribuíram para a minha formação enquanto profissional e ser humano.

Aos meus colegas de trabalho do Lance!, em destaque meu chefe e mentor Ricardo Guimarães, que tanto me ensinaram sobre o jornalismo.

E, por fim, agradeço a todos que contribuíram diretamente para a elaboração deste trabalho. Ao meu orientador Marcelo Kischinhevsky, tão solícito para responder cada dúvida. Aos entrevistados Marcelo Barreto, Leda Costa e Ronaldo Helal, essenciais para a construção do debate proposto. Ao técnico de rádio Sergio Muniz, que me ajudou com maestria nos processos de gravação e edição. Ao meu amigo Danilo, que contribuiu com a sua voz para dar vida ao trabalho.

BRANDÃO, Pedro Werneck. **A construção da rivalidade entre atletas no jornalismo esportivo**. Orientador: Marcelo Kischinhevsky. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é uma reportagem em áudio, no formato de podcast, acerca do espaço das rivalidades entre atletas na vivência do esporte. A reportagem traz exemplos de grandes disputas e analisa os seus impactos na cobertura esportiva, no engajamento do público e na vida dos esportistas. O material inclui entrevistas com dois especialistas em Comunicação e Esporte, Leda Costa e Ronaldo Helal, e com o jornalista Marcelo Barreto, nas quais os profissionais avaliam o papel da imprensa na construção de rivalidades. O relatório ao final do trabalho apresenta todo o processo de produção da reportagem em áudio, desde o princípio da elaboração até a gravação e edição. Este trabalho de conclusão visa entender a relevância das rivalidades nos diferentes âmbitos do dia a dia esportivo.

Palavras-chave: jornalismo; rivalidades; atletas; podcast; esporte

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Rivalidade entre atletas: um elemento presente na espetacularização do esporte	3
2.1. Senna x Prost: um herói e um vilão para a imprensa brasileira	7
2.2. Pelé x Maradona: uma rivalidade construída fora dos gramados	10
2.3. Messi x Cristiano Ronaldo: uma rivalidade midiática na era das redes sociais	13
3. Relatório de produção	18
3.1. Elaboração	18
3.2. Entrevistas	20
3.3. Roteiro	21
3.4. Gravação e edição	22
4. Considerações finais	24
5. Referências bibliográficas	27
6. Apêndice	29
6.1. Apêndice A	29

1. Introdução

Eu gosto de pensar no trabalho de conclusão de curso como uma síntese dos aprendizados e experiências oferecidos pela graduação que, conseqüentemente, me formaram enquanto profissional. A escolha do tema e do formato deste trabalho tiveram exatamente esse objetivo. O esporte foi o motivo pelo qual decidi cursar jornalismo e o ponto de partida do meu desfecho na universidade não poderia ser outro.

A primeira motivação para a minha escolha de formação foi a paixão pelo futebol. Ao longo da graduação, e especialmente através da minha experiência no mercado profissional, ampliei os meus horizontes e passei a acompanhar e me interessar cada vez mais também por outros esportes. Por isso, quis pesquisar sobre aquilo que está presente em todas as modalidades, a disputa. Mais especificamente, tentei colocar uma lupa na rivalidade entre atletas.

Este trabalho visa discutir o espaço das rivalidades em diferentes campos da vivência esportiva: atletas, público e imprensa. O esporte é construído não apenas pela disputa entre os esportistas, mas também e principalmente pela paixão daqueles que o acompanham. Por fim, como jornalista, não poderia deixar de trazer essa discussão para a perspectiva dos responsáveis pela cobertura esportiva, que também têm grande influência na forma como o esporte é vivido em uma sociedade.

A escolha do formato deste trabalho também priorizou as experiências com as quais mais me conectei durante a graduação. Em vez de escrever uma monografia, mais usual entre os estudantes de jornalismo, optei pelo trabalho prático, uma forma de valorizar o meu aprendizado como jornalista. Indo além, decidi fazê-lo na forma de uma reportagem em áudio, um podcast. Desde o início da minha formação, senti grande afeição pela prática do jornalismo radiofônico, o que me levou a seguir esse modelo em diferentes projetos apresentados na universidade, além de participar de ações de extensão em webrádios.

Para o desenvolvimento desta pesquisa e conseqüente trabalho prático, foram escolhidos três exemplos principais de rivalidades: Ayrton Senna e Alain Prost, Pelé e Maradona, Messi e Cristiano Ronaldo. O objetivo foi abordar aspectos diferentes que ajudam a constituir uma rivalidade e estão presentes em cada uma delas.

Além de mergulhar no universo dessas disputas, entrevistei grandes profissionais que me auxiliaram a identificar os caminhos mais relevantes para a pesquisa. Conversei com os professores e pesquisadores da comunicação esportiva Leda Costa e Ronaldo Helal, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além do jornalista Marcelo Barreto,

editor-chefe do canal esportivo SporTV e professor convidado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Este trabalho será estruturado em duas partes, além da reprodução do podcast. O capítulo 2 traz a fundamentação teórica, incluindo trechos das entrevistas conduzidas, e toda a pesquisa que ajudou a constituir a reportagem em áudio. Primeiro, será apresentada uma visão geral sobre a importância das rivalidades, destrinchada no impacto nos três campos já destacados (atletas, público e imprensa).

Na sequência, o capítulo é dividido em três seções, cada uma com intuito de abordar mais profundamente os exemplos de rivalidade destacados. A primeira, sobre a disputa entre Ayrton Senna e Alain Prost na Fórmula 1, discute o lugar do nacionalismo na imprensa e a consequente construção não apenas de rivalidades, mas também das figuras de heróis e vilões no esporte.

O segundo subcapítulo é pautado pela rivalidade entre Pelé e Maradona, um exemplo distinto por não apresentar uma disputa direta. A seção também aborda o nacionalismo na imprensa, além do poder duradouro das comparações no esporte e a centralização de uma desavença entre torcedores de dois países em duas figuras históricas do futebol.

O terceiro, por sua vez, foca no embate entre Messi e Cristiano Ronaldo. Por ser uma rivalidade mais recente, serão abordados elementos que não estiveram presentes nas outras disputas, como as transformações na relação entre fã e ídolo promovidas pelas redes sociais ou as diferenças da vivência esportiva em um mundo globalizado.

O capítulo 3, segunda parte deste trabalho de conclusão, traz um relatório de produção do podcast dividido nos seguintes subcapítulos: elaboração, entrevistas, roteiro e gravação e edição. Dessa forma, pude trazer um relato pessoal sobre todas as etapas que levaram ao produto final.

No subcapítulo inicial, será abordada mais profundamente a forma como decidi o tema deste trabalho, além dos motivos que levaram aos exemplos escolhidos e ao foco da discussão sobre rivalidades. Na sequência, será justificada a relevância dos entrevistados, juntamente aos tópicos que pautaram cada uma das entrevistas e a forma como foram conduzidas.

No subcapítulo sobre o roteiro, serão expostos os principais objetivos que pautaram a sua escrita. Por fim, a seção sobre gravação e edição busca detalhar esses dois processos finais e que efetivamente deram vida à reportagem.

2. Rivalidade entre atletas: um elemento presente na espetacularização do esporte

A essência do esporte é a disputa. Seja na Grécia Antiga ou na modernidade, atletas se enfrentam em busca de superar os seus adversários e as próprias limitações físicas. Confrontos recorrentes e longínquos entre esportistas do mais alto nível são elevados a outro patamar: o de rivalidade. Segundo Vogler (1998, p.140), o rival, na literatura, é o principal competidor do herói, que quer superá-lo, mas nunca matá-lo. Seja de forma literal ou metafórica, a morte do rival não interessa, porque, sem ele, a disputa não tem a mesma relevância.

Essas rivalidades mexem com o público, que elege, a partir das próprias visões de mundo, os seus atletas preferidos. A imprensa, por sua vez, sabe explorá-las muito bem. A disputa entre os melhores atletas é utilizada para vender a transmissão de grandes competições e é tema de debate nos principais programas esportivos. Inevitavelmente, os meios de comunicação ajudam a fomentar as rivalidades, às vezes de forma até sensacionalista. Ainda assim, é fato que as disputas têm um grande poder de mexer com as emoções do público.

O que vem primeiro? A gente nunca sabe. É uma via de mão dupla: os esportes, na sua natureza, precisam dessa rivalidade, uma discussão sobre quem é o melhor. Essas comparações fazem parte do ambiente esportivo e, claro, a mídia vai retroalimentando, trazendo à tona essas comparações e rivalidades. A mídia, cobrindo o esporte, tem um papel fundamental em fomentar essas rivalidades. (HELAL, 2023)¹

Uma rivalidade também pressupõe dicotomia. A construção de tais confrontos passa pelas divergências entre os atores, e o público torce pelo sucesso do atleta com o qual mais se identifica ou cujos valores provocam maior admiração. Essa conexão fã-ídolo pode nascer por fatores exclusivamente esportivos, como a forma com a qual o esportista pratica a modalidade, por aspectos ligados à personalidade fora das quadras ou até pela atuação político-social.

A imprensa também aposta nas divergências para construir rivalidades. Um esportista é apontado como o mais dedicado, enquanto o outro é considerado o mais talentoso. Um atleta é o mais humilde, ao passo que o seu rival demonstra mais gana pelo êxito no esporte. Essas diferenças ajudam a fomentar no público o ideal de disputa e a necessidade de escolher um lado.

O que se apresenta sempre em uma rivalidade, o que se procura apresentar, são características diferentes. Para que você possa se afeiçoar mais a um ou

¹ Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 11 de julho de 2023.

ao outro, se identificar mais com um ou outro. A imprensa tem sempre um olhar voltado para isso: ver se um é mais expansivo e o outro introspectivo, se um é mais competitivo e o outro retraído. Como na rivalidade parece que você tem que escolher um lado, essa listagem de características ajuda nessa construção. (BARRETO, 2023)²

Desde a Grécia Antiga, a figura do esportista está associada à do herói. Segundo Kyle (2007, p. 7), o esporte surge como uma forma de honrar deuses e heróis. No mundo contemporâneo, o atleta continua sendo visto de maneira heróica, idolatrado por parte da sociedade. Helal (2003, p. 19) acredita que a competitividade presente no esporte contribui para a construção dos seus atores como heróis, diferentemente do que acontece com as celebridades de outros meios.

Para Rangel (2013, p. 2), “os fenômenos de massa, como os espetáculos de futebol, não conseguem se sustentar por muito tempo sem a presença de heróis e de ídolos”. Diniz e Caleiro (2012, p. 3) compartilham da mesma visão, mas têm um olhar bastante crítico sobre esse fenômeno. Segundo os autores, a construção da imagem de atletas como exemplos a serem seguidos tem como intuito divulgar o esporte para cumprir função econômica e, por isso, é uma forma de alienar o público.

O fanatismo gera um maior engajamento dos fãs com o esporte. A competitividade intrínseca aos desportos é o que os difere da arte, por exemplo. Não à toa, a mídia enxergou no formato dos reality shows uma possibilidade de aumentar a participação do público na indústria do entretenimento. A grade da maior emissora de televisão do Brasil, a Rede Globo, é recheada de programas que buscam rivalizar cantores, artistas e outras celebridades, como “The Voice Brasil”, “Big Brother Brasil” e “The Masked Singer”.

No cinema o personagem Coringa é responsável por uma das falas mais emblemáticas quando se trata da disputa entre heróis e vilões. Durante o filme “Batman: o Cavaleiro das Trevas” (2008), o personagem diz ao Batman: “Acho que nós dois estamos destinados a fazer isso para sempre”³. Na literatura e no cinema, um herói não existe sem o seu antagonico. No esporte, o público se engaja ainda mais na torcida por um atleta quando acredita que o seu rival não é digno do mesmo sucesso.

A imprensa tenta contribuir para o desenvolvimento de um ídolo nacional enquanto herói. Da mesma forma, costuma identificar o seu rival como um vilão, se valendo de uma parcialidade socialmente aceita em nome do ufanismo. Para Gasparino (2013, p.29), o público no Brasil clama por essa parcialidade da mídia esportiva em determinados eventos, como ao

² Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 23 de agosto de 2023.

³ BATMAN: The Dark Knight. Direção de Christopher Nolan. Califórnia: Legendary Pictures, 2008. 1 DVD (152 min).

vibrar com a vitória de um atleta brasileiro. Esse fenômeno pôde ser observado na disputa protagonizada por Ayrton Senna e Alain Prost, entre as décadas de 1980 e 1990, na Fórmula 1. A forma como os meios de comunicação brasileiros retratavam o piloto francês nada se parecia com a maneira como ele era visto pelos veículos da França.

Assim sendo, os brasileiros tendem a preferir Ayrton Senna, e vêem nessa disputa Ayrton Senna como o bonzinho e injustiçado que luta contra um grande vilão, que aparece como uma grande organização poderosa incapaz de reconhecer suas vitórias e pronta a qualquer custo de impedir os êxitos do brasileiro pela força, enquanto franceses, por outro lado, sob outro ponto de vista, enxergam Senna como um competidor não leal, que em atitudes desesperadas apela para táticas não legais em busca de suas vitórias, muitas vezes colocando em risco a sua vida e a de outros ultrapassando os limites do sensato e do razoável. Aí se pode ver o cenário, ou melhor, o espetáculo idealizado, que pode atrair como público espectador diferentes facetas que encontrarão suas correspondências homólogas. (TARTAS, 2019, p. 178)

A opinião está frequentemente presente no jornalismo esportivo. O público também anseia por parcialidade na análise de heróis nacionais. Um jornalista brasileiro que rejeite a ideia de Pelé como o melhor jogador de futebol de todos os tempos será amplamente repudiado por colegas de imprensa e pelos espectadores ou leitores. Esse posto é tratado como verdade absoluta no Brasil, mas não em outros países: os argentinos colocam Lionel Messi e Diego Maradona na discussão, enquanto os portugueses destacam Cristiano Ronaldo, por exemplo.

O esporte tem uma enorme capacidade de evocar um sentimento nacionalista. A forma como a imprensa conta a história de competições como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos convoca o público a torcer pelos seus compatriotas. Uma rivalidade entre atletas de diferentes países impacta milhões de pessoas. Com isso, ser melhor do que o adversário deixa de ser uma causa individual para se tornar coletiva.

O brasileiro é conhecido como um dos torcedores mais apaixonados do planeta. Os jogos de futebol no Brasil são marcados por cantos e xingamentos constantes, bem mais do que em alguns países da Europa onde a modalidade também é muito importante culturalmente. Em alguns momentos, o fanatismo da torcida brasileira ultrapassa determinados limites, como nos recorrentes casos de violência dentro ou fora dos estádios.

Essa forma apaixonada de torcer no país nasce no futebol, mas não se limita ao esporte mais popular e nem sempre é compreendida por quem vê de fora. Um exemplo desse estranhamento aconteceu nos Jogos Olímpicos sediados no Rio de Janeiro, em 2016. O francês Renaud Lavillenie disputou a final do salto com vara com o brasileiro Thiago Braz. O atleta estrangeiro foi vaiado durante a competição, fez sinais de repúdio aos torcedores e, após

receber mais vaias, chegou a chorar enquanto recebia a medalha no pódio⁴. A maneira apaixonada de torcer dos brasileiros impulsiona as rivalidades e propicia a construção de heróis e vilões, pautada pelos sentimentos de amor e ódio despertados pelo esporte.

A repercussão das rivalidades na imprensa pode ter mais ou menos influência entre os atletas envolvidos, a depender da personalidade de cada um. Alguns esportistas podem ser altamente impactados e fazer questão de compartilhar tal motivação, enquanto outros podem ser pouco afetados. Ainda existirão aqueles que até são movidos pela disputa com um adversário, mas preferem não fazer disso um espetáculo.

Vai depender do temperamento do atleta, tem atleta que se alimenta dessa rivalidade, e outros se ressentem disso, não vão gostar. Cada um vai tentar a sua maneira de dar menos ou mais importância. No caso Senna x Piquet, o Piquet se alimentava disso, se divertia, deu entrevistas polêmicas. O Senna não gostava, fechava a cara, não queria debater. Isso passa muito pela característica do atleta. (BARRETO, 2023)⁵

A necessidade de uma rivalidade pode ser observada até em atletas que carecem de um grande nêmesis. Considerado por muitos o maior da história do basquete, Michael Jordan dominou a NBA, liga norte-americana, na década de 1990 - foram seis finais e seis títulos no período. Enquanto “sobrava” no campeonato, o norte-americano procurava formas de se motivar a cada jogo. Conforme relatado na série “*The Last Dance*” (2020)⁶, o atleta chegou a inventar uma provocação de um adversário visando encorajar a si próprio. Ele relatou aos companheiros de time que o oponente LeBradford Smith teria dito “bom jogo, Mike”, de forma irônica, após uma exibição ruim da sua parte. O astro usou essa história de combustível para uma performance brilhante no enfrentamento seguinte contra Smith. Anos depois, Michael revelou que aquilo era mentira, Smith nunca o havia provocado.

A disputa individualizada entre um atleta e outro, mesmo nos esportes coletivos, traz aos jogos maior tensão, tornando a vitória ainda mais importante. Para o jornalismo esportivo, incentivar essa competitividade é fundamental, pois aumenta o engajamento do público. Em alguns casos, a mídia esportiva que cobre os torneios é a mesma que exhibe as partidas, ou seja, atrair visibilidade e relevância é imprescindível, inclusive por um aspecto comercial.

O jornalista esportivo está sempre em busca de elementos para promover ou descrever o evento. A rivalidade é um elemento a mais, um elemento

⁴ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/rio-2016-e-coi-condenam-vaias-da-torcida-frances-e-m-final-no-atletismo.html>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

⁵ Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 23 de agosto de 2023.

⁶ Episode VII (Temporada 1, ep. 5). *The Last Dance* [Seriado]. Direção: Jason Hehir. Produção: Michael Tollin e Jon Weinbach. Chicago: ESPN, 2020.

narrativo. O jornalista esportivo está sempre preparado para explorar a rivalidade, e não tem nada de ilegítimo nisso. O que precisa ser tratado com cautela é o quanto você não explora essa rivalidade de forma artificial e que acirre os ânimos. Se a gente expandir isso para o contexto do jogo do futebol, estamos falando de times, explorar essa rivalidade de jeito irresponsável pode até contribuir para o clima de violência. O jornalismo esportivo procura investir na questão das rivalidades, um elemento importante do esporte. Esporte é um contra o outro. Explorar a rivalidade me parece inerente à função do jornalista esportivo, mas evidentemente você não pode forçar a barra, exagerar no tratamento de algo que é só esportivo. (BARRETO, 2023)⁷

Essa é uma especificidade da cobertura esportiva. A partir do momento em que uma rede de televisão ou plataforma de streaming adquire os direitos de transmissão de uma competição, é benéfico para ela dar maior destaque a esse torneio. Com isso, o jornalismo esportivo nem sempre é pautado apenas pelo interesse público, mas também comercial. E as rivalidades, como visto, são um mecanismo interessante para valorizar um produto.

Isso não significa que a mídia seja responsável por fabricar as rivalidades. Para Costa (2023), a rivalidade é o coração do esporte⁸. Ela entende que essas disputas provocam a excitação esportiva e, por isso, são excelentes histórias para se contar. Portanto, faz todo sentido que a imprensa lhes dê um espaço relevante no relato dos eventos esportivos.

2.1. Senna x Prost: um herói e um vilão para a imprensa brasileira

A rivalidade entre os pilotos de Fórmula 1 Ayrton Senna e Alain Prost sequer durou muito tempo, mas foi uma das mais intensas já vistas no esporte. A disputa entre o brasileiro e o francês começou efetivamente em 1988 e viveu o seu auge nas temporadas de 1989 e 1990. Mesmo curta, ela entrou para a história do automobilismo.

Vários fatores contribuíram para o crescimento dessa rivalidade. Para começar, os dois tiveram desentendimentos por situações ocorridas na pista. Em 1988, Senna foi contratado pela McLaren como promessa para correr na mesma equipe do bicampeão Prost, o que não pressupõe uma relação amistosa, uma vez que o automobilismo é um esporte essencialmente individual. O cenário indicava um piloto jovem e cheio de vontade tentando desbancar o protagonismo do esportista mais experiente e já consagrado.

A primeira intriga importante aconteceu no Grande Prêmio de Portugal, quando Prost ficou descontente com uma tentativa de Senna de bloqueá-lo de obter a liderança. O brasileiro terminou com o título daquela temporada, mas foi na seguinte que a relação se tornou

⁷ Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 23 de agosto de 2023.

⁸ Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 1 de agosto de 2023.

realmente insustentável. Um trato descumprido por Senna no GP de San Marino deu início a uma troca de embates, com direito a repetidos casos de batidas intencionais.

Para garantir o título mundial de 1989, o terceiro da carreira, Prost jogou o carro contra o veículo de Senna durante o GP do Japão. Com os dois fora da pista, o francês seria campeão. O brasileiro ainda conseguiu retornar à corrida, porém foi desclassificado por não ter voltado ao mesmo ponto do circuito de onde tinha saído.

Em 1990, agora com Prost na Ferrari, foi a vez de Senna dar o troco. De novo o GP do Japão seria decisivo na disputa do título mundial. Dessa vez, o brasileiro era quem estava na frente. Com uma batida proposital no rival francês, ele provocou o fim da prova para garantir a manutenção da liderança da temporada.

O cenário da Fórmula 1 em si é muito propício ao surgimento de disputas intensas. Afinal, é um esporte perigoso e determinados movimentos podem colocar a vida de um adversário em risco. Por isso, debates sobre a postura dos pilotos são recorrentes. Essa análise ética da modalidade é ideal para a construção de heróis e vilões que, evidentemente, não serão os mesmos para todo o público.

O início da relação pouco amistosa entre os dois pilotos ofereceu à imprensa um terreno fértil para o desenvolvimento de uma grande rivalidade. As principais diferenças entre os dois logo começaram a ser reforçadas. Os meios de comunicação apontavam Prost como um piloto mental, estratégico, enquanto Senna era visto como mais instintivo (TARTAS, 2019). A postura dos dois fora das pistas, com o francês fazendo mais questão de explicar os seus movimentos, contribuía para isso.

A questão de heroísmo e vilania, como dito anteriormente, também é muito influenciada pelo nacionalismo. Se Ayrton Senna era tratado como um grande herói pelos brasileiros, Prost só podia ser o vilão da história. As características já apontadas em relação aos dois pilotos também invocavam esse duelo: a garra inesgotável do brasileiro contra a frieza europeia.

Os dramas vividos por Ayrton Senna em sua competição com o seu principal rival Alain Prost são vividos também pelos espectadores brasileiros que acompanham as transmissões televisivas da Fórmula 1. Estes espectadores formam uma conexão afetiva não apenas com Ayrton Senna e suas características pessoais, mas também com os sentidos de nacionalidade que a prática de Senna mobiliza em pista. A saber, em sua disputa com Alain Prost, Ayrton Senna é o impetuoso, aquele que trás em seu corpo a marca da identidade nacional brasileira, de “sangue quente” produto dos trópicos, Senna se diferencia radicalmente de seu rival “frio” e “cerebral” Prost. O espaço em que se realiza a competição da Fórmula 1 é o espaço em que se realiza a disputa entre definições de ser correspondentes às suas identidades

nacionais. É o espaço, portanto, em que o espectador pode sentir que a sua maneira de ser tem sua potência. (TARTAS, 2019, p. 113)

O contexto de um brasileiro correndo contra pilotos estrangeiros e demonstrando enorme vontade de se tornar o melhor do planeta já possibilitava a afirmação de Senna como herói nacional, mas as atitudes nacionalistas do piloto também contribuíram para isso. Em especial, o gesto de balançar a bandeira do Brasil após cada vitória.

De acordo com Batista e Velázquez (2018, p. 6), a Rede Globo manteve as principais polêmicas de Senna escondidas durante o seu auge na Fórmula 1. O brasileiro colecionou desafetos, seja pelo estilo agressivo de pilotar ou pela postura fora das pistas. Pilotos como Derek Warwick, Nigel Mansell e, claro, Alain Prost criticaram publicamente as atitudes de Ayrton. No entanto, as falhas de Senna não apenas foram disfarçadas como as reclamações expostas pelos adversários ajudaram a construir a imagem de um representante brasileiro lutando contra tudo e contra todos.

Essa forma de contar a história da Fórmula 1 naquele período não foi exclusiva da Globo. Segundo Ribeiro (2006, p. 49), a Folha de São Paulo adotava um discurso autoritário e cheio de adjetivos para valorizar o desempenho de Senna e criticar a postura de Prost. A autora usa de exemplo uma reportagem de 1989, na qual o jornalista diz que o brasileiro “quase humilhou o francês” e que o piloto estrangeiro “falou demais e guiou de menos”.

A disputa entre Senna e Prost reforçou o poder de uma rivalidade. O automobilismo cresceu muito durante o período em que os dois brigaram pelo título mundial. O empresário britânico Bernie Ecclestone, chefe comercial da F1 na época, admitiu que a disputa entre os pilotos foi fundamental para a Fórmula 1 se tornar um esporte global⁹.

Durante aquelas três temporadas, a briga entre Senna e Prost confundia-se com a própria Fórmula 1 (TARTAS, 2019). Os dois pilotos mostraram o quão excitante poderia ser um embate movido por uma gana recorrente de superar o seu grande rival. No Brasil, os grandes resultados de Ayrton consolidaram de vez o espaço do campeonato de automobilismo na imprensa através do sentimento nacionalista produzido (LEITE, 2010).

Nem toda rivalidade pressupõe uma relação de ódio, mas parecia ser o caso, ou algo próximo disso, entre Senna e Prost. Um dos embates públicos mais famosos entre os pilotos aconteceu em 1992. Com o retorno para a próxima temporada confirmado, depois de tirar um ano sabático, Prost acertou com a Williams, desejo de Senna na época, e impediu o brasileiro de voltar a ser seu companheiro de equipe. Ayrton, então, chamou o adversário de “covarde”

⁹ Disponível em

<<https://ge.globo.com/motor/formula-1/blogs/voando-baixo/post/2020/04/03/senna-x-prost-a-maior-rivalidade-da-historia-do-esporte-mundial.ghtml>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

em uma coletiva de imprensa¹⁰.

Prost e Senna chegaram a viver seis meses de uma relação amistosa entre a aposentadoria do francês, em 1993, e a morte do brasileiro em um acidente fatal no ano seguinte. Um desfecho digno para dois esportistas eternamente conectados.

Na realidade, eu só corri dois anos com ele na mesma equipe e apenas quatro ou cinco anos ao todo. Fiz muitas coisas, ganhei muitas corridas e campeonatos sem ele, mas nossa história está totalmente ligada. Não há um momento sequer em que, se alguém fala em Prost, não mencione Senna, e vice-versa. Não apenas minha carreira, mas também minha vida está ligada a ele. Vivo com ele há uns 30 anos. (PROST, 2019)¹¹

Para Tartas (2019, p. 173), no fundo, os dois se amavam. O autor entende que os pilotos ansiavam por aquela disputa e a oportunidade de competir ao limite de suas próprias competências. Por mais que tenham protagonizado embates intensos e perigosos nas pistas da Fórmula 1, Senna e Prost não queriam a morte um do outro, justamente como se pressupõe uma rivalidade na história da literatura.

2.2. Pelé x Maradona: uma rivalidade construída fora dos gramados

Pelé e Maradona só foram atletas profissionais concomitantemente durante um ano. Os dois não protagonizaram embates diretos. Ainda assim, passaram a ter os seus nomes associados através da disputa pelo posto de melhor jogador da história do futebol. Uma rivalidade sensível para brasileiros e argentinos apaixonados pelo esporte mais popular do planeta.

A relação entre Pelé e Maradona não foi das melhores durante determinado período. O brasileiro não via com bons olhos as polêmicas extracampo do argentino, enquanto Diego condenava a relação do Rei do Futebol com cartolas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da FIFA¹². A partir dos anos 2000, porém, os dois estreitaram laços, passaram a se tratar com muito respeito e até desenvolveram uma amizade.

Imprensa e torcida, no entanto, viam os dois como rivais. Para os brasileiros, Pelé é incontestavelmente o maior jogador da história do futebol. Os argentinos acreditam que o

¹⁰ Disponível em <<http://en.espn.co.uk/onthisday/motorsport/story/2301.html>>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

¹¹ Disponível em: <<https://www.nst.com.my/sports/motor-sports/2019/04/484218/our-history-completely-linked-says-prost-senna>>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.

¹² Disponível em: <<https://jovempan.com.br/esportes/pele-e-maradona-relembra-a-relacao-entre-os-dois-maiores-craques-da-historia.html>>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

posto é de Maradona. Como atleta, o Rei do Futebol é intocável no Brasil. Contudo, fatores como a pouca atividade político-social durante a carreira tornaram a figura de Pelé um pouco controversa. Na Argentina, a relação de heroísmo e idolatria com Maradona, ou “Dios” como gostam de chamá-lo, reflete em um fanatismo sólido, inabalável.

Na maioria das vezes, os brasileiros comuns, embora incorporando a dicotomia entre Pelé e Edson, o público e o privado, têm representações diferentes e não necessariamente correspondentes à forma como Pelé pensa os seus nomes e aos dois pólos em que dividiu o seu personagem. Edson, para muitos, é o nome dado àquele homem visto pela perspectiva da vida privada de um homem público, o Pelé. Edson, nas representações mais gerais e em várias situações, é tido como um mau exemplo. Segundo esta lógica, Pelé é grandioso, um “mito” que não deve ser profanado. Há quem ainda destaque o Dico, separando-o de Edson, como o menino de 17 anos que ganhou a primeira Copa do Mundo, em 1958. (DA SILVA, 2008, p. 14)

A visão negativa dos brasileiros sobre Maradona diz muito sobre a importância do herói nacional como forma de valorizar o país mundo afora. O argentino surgiu como uma figura que atraía enorme simpatia dos brasileiros, pela forma brilhante de praticar futebol. A antipatia tomou conta apenas quando os argentinos começaram a levantar o debate sobre uma possível superioridade em relação a Pelé. A primeira comparação entre os dois craques na imprensa argentina foi feita pela revista “El Gráfico”, em 1986, que afirmou que Maradona era maior para os argentinos do que Pelé para os brasileiros (HELAL, 2009).

Quando morei na Argentina e fiz meu trabalho em cima das Copas do Mundo de 1970 a 2006, também peguei os jornais brasileiros do mesmo período. Em 1986, os cronistas brasileiros estavam extasiados com o Maradona, uma adoração total pelo futebol dele. Essa vilania do Maradona começa quando os argentinos vão comparar com o Pelé. A gente vilanizou muito o Maradona depois da comparação, mas não tenha dúvidas que, até aquele momento, o Maradona era o cara. (HELAL, 2023)¹³

O futebol foi utilizado como instrumento de poder no Brasil em diferentes momentos, como através dos esforços de Getúlio Vargas para criar uma identidade nacional por meio do esporte. Para Ribeiro (2012, p. 34), no entanto, a paixão do brasileiro pelo futebol nasceu anteriormente e de forma independente.

A importância cultural do futebol, impulsionada também pelo uso político, tornou a superioridade de Pelé muito importante para os brasileiros. O Rei do Futebol representa uma possibilidade de, ao menos no esporte, o Brasil se sentir inalcançável. Pelé retrata o futebol-arte, o estilo de jogo que se opõe à forma europeia de praticar o esporte (MASSARANI, 2018). Edson é a vitória da colônia sobre a metrópole.

¹³ Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 11 de julho de 2023.

Assim como Prost foi diminuído pela imprensa brasileira em prol da construção de Ayrton Senna como herói nacional, Maradona foi atacado a partir do momento em que se tornou rival de Pelé ao posto de melhor da história. O comportamento extracampo foi um dos fatores utilizados para essa deslegitimação, sempre em contraponto ao perfil de atleta exemplar do ídolo brasileiro.

Se Pelé for atacado, se aciona imediatamente a sua antítese, no caso Maradona. Para proteger o quê? A ideia que Pelé carrega consigo, ele representa o atleta do século, brasileiro. A gente tem uma construção midiática muito forte nessa rivalidade, que de maneira empírica nunca houve de fato, foi alimentada pela imprensa e é acionada em momentos muito específicos. Ela é acionada toda vez que a identidade brasileira é afetada ou contestada, quando se coloca que Maradona é melhor que Pelé. (COSTA, 2023)¹⁴

O fanatismo não combina com a lógica. Talvez os argentinos não tenham argumentos racionais puramente esportivos que sustentem o posto de melhor da história ao seu ídolo. Pelé fez muito mais gols e ganhou o triplo de Copas do Mundo. Mas nada disso importa para os habitantes do país vizinho. Maradona carregou a seleção ao título mundial de 1986 e, no caminho, marcou os dois gols que eliminaram a Inglaterra da competição. Isso quatro anos depois do conflito armado entre os dois países na Guerra das Malvinas. Diego Maradona virou um herói nacional pelo poder, força e simbolismo que um feito esportivo pode ter.

A percepção dos brasileiros sobre Maradona muda quando o argentino ameaça a soberania brasileira no futebol. Antes da Copa do Mundo de 1986, o Brasil era o país com mais títulos mundiais ao lado da Itália (3), mas já não ganhava a competição desde 1970. Com a vitória argentina, a seleção vizinha chegou ao bicampeonato com um intervalo de apenas uma edição entre uma conquista e outra. Mesmo a brilhante geração brasileira de 1982 não havia conseguido garantir a sonhada taça, deixando os torcedores em um momento de inquietude dentro do cenário do futebol.

O embate entre Maradona e Pelé passou a capitanear a rivalidade entre Brasil e Argentina. Os brasileiros entoam uma música que zomba da dependência química do ídolo argentino para valorizar o próprio herói nacional, um dos exemplos da linha tênue entre o ódio e a brincadeira no futebol. Do outro lado da fronteira, os torcedores alegam que Maradona é maior do que Pelé em canções como “Brasil Decime Qué Se Siente”. O ódio brasileiro pelo ídolo rival mostra um incômodo, ainda que os argumentos para a superioridade de Pelé sejam muito mais sólidos.

A rivalidade entre Maradona e Pelé é um ótimo exemplo de como o esporte é vivido

¹⁴ Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 1 de agosto de 2023.

fora das quadras, dos gramados, tatames e pistas. As discussões na imprensa e entre espectadores, termo que talvez não seja muito preciso tamanha participação do público na construção do esporte, são poderosas e capazes até de rivalizar figuras que nunca disputaram diretamente uma competição.

2.3. Messi x Cristiano Ronaldo: uma rivalidade midiática na era das redes sociais

Se as rivalidades são uma forma de espetacularizar o esporte, uma disputa no mundo contemporâneo engloba ainda mais fatores que contribuem para esse objetivo: a cobertura detalhista, com cada vez mais recursos tecnológicos, o investimento econômico exorbitante e a presença transformadora das redes sociais. Nesse contexto, tomou forma uma rivalidade enorme entre dois praticantes do esporte mais popular do mundo, o futebol: Lionel Messi contra Cristiano Ronaldo.

Os fãs do esporte foram agraciados com a presença de dois dos grandes jogadores de futebol da história na mesma época. Cristiano é apenas dois anos mais velho que Messi. O português fez a sua estreia profissional em 2002, enquanto o argentino disputou a primeira partida no ano seguinte. Em 2009, os dois protagonizaram um dos primeiros capítulos da rivalidade ao decidir a final da Champions League daquela temporada. Na ocasião, o Barcelona de Messi levou a melhor sobre o Manchester United de Cristiano.

A decisão do português após aquele jogo sacramentou de vez a rivalidade. Cristiano Ronaldo trocou o Manchester United pelo Real Madrid em uma transferência recorde na época (cerca de 94 milhões de euros). O acordo fez com que o atacante passasse a encontrar Messi nos gramados do futebol espanhol com frequência. A disputa entre os dois por títulos, prêmios individuais e reconhecimento ao redor do mundo marcaria a história do futebol durante a década seguinte.

Não só Messi e Cristiano estavam jogando no mesmo país, como vestiam as camisas de dois dos maiores clubes do planeta. Na era da globalização, os dois atletas representaram uma virada de chave na forma de acompanhar futebol. Segundo o jornal espanhol Marca, o confronto entre os dois no *El Clasico* de 2017 foi visto por cerca de 650 milhões de espectadores ao redor do mundo, recorde histórico do confronto¹⁵.

O crescimento das redes sociais contribuiu para os jogadores se tornarem cada vez

¹⁵ Disponível em <<https://www.marca.com/futbol/real-madrid-barcelona/2017/04/19/58f78c49e5fdea025d8b45f8.html>>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.

mais também celebridades. O jogo em si deixou de ser a única ponte entre fã e ídolo. O público passou a querer acompanhar cada passo dos seus atletas preferidos e manifestar através de curtidas e comentários a sua felicidade com cada conquista do ídolo.

O tamanho de Messi e Cristiano Ronaldo nas redes sociais é prova concreta disso. O português é a personalidade com mais seguidores no Instagram (600 milhões)¹⁶, enquanto o argentino é acompanhado por cerca de 489 milhões de usuários¹⁷. A foto mais curtida da história da mesma rede social pertence ao ídolo do Barcelona: o registro com a taça da Copa do Mundo postado após a conquista do título no Qatar, em 2022, ultrapassou os 75 milhões de likes.

Muitas vezes, as rivalidades são mais alimentadas pelos fãs do que pelos atletas em si. No caso de Messi e Cristiano, isso é inegável. Enquanto os dois têm uma relação respeitosa, seus admiradores nem sempre tratam-se de forma tão amigável. O anonimato e a distância por trás das telas faz das redes sociais um ambiente ocasionalmente tóxico, e o público do futebol não foge disso. Os debates sobre qual dos craques é melhor são intermináveis e às vezes ofensivos. No Brasil e em diversos países ao redor do mundo, milhares de pessoas dedicam páginas nas redes sociais para declarar a idolatria por Messi ou Cristiano.

O brasileiro Lucas Mendes é dono da página dedicada a Cristiano “CR7 o lendário”¹⁸, com pouco mais de um milhão de seguidores no Instagram. A brasileira Frann Psouza criou o perfil em espanhol “Messimaniacas”¹⁹, seguido por cerca de 135 mil usuários, um deles o próprio Lionel Messi. Contas como essas permitem o desenvolvimento de uma comunidade de fãs, interessados em saber o máximo possível sobre o seu ídolo, extrapolando os 90 minutos em que ele está em campo.

A internet amplificou as possibilidades, no caso específico do esporte, de haver uma relação dos fãs com esses esportistas que não necessariamente passa pelo esporte. Muitos atletas de alto nível são também celebridades. É o caso do Neymar, do Cristiano Ronaldo e tantos outros. A rivalidade às vezes é mais criada pelos fãs do que pelas pessoas envolvidas, as redes sociais modificaram muita coisa. No esporte, esse contexto contemporâneo, a globalização, a propaganda, criaram essas figuras, atletas que também são celebridades mundialmente conhecidas. (COSTA, 2023)²⁰

Segundo Borelli (2002, p. 1), o jornalismo esportivo tem como prática criar mecanismos para bisbilhotar a vida dos atletas e procurar fatos inusitados, justamente com

¹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/cristiano/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/leomessi/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/lucasr7olendario/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

¹⁹ Disponível em <<https://www.instagram.com/messimaniacasco/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

²⁰ Entrevista concedida ao autor. Por chamada de áudio. 1 de agosto de 2023.

objetivo de construir a imagem de heróis. As redes sociais possibilitam novas formas de se fazer isso. Por outro lado, na internet, os esportistas têm controle sobre os próprios perfis e podem utilizá-los para ajudar a criar a imagem que procuram. Além disso, o “efeito bolha” contribui para os fãs de uma personalidade consumirem sempre visões positivas sobre os seus ídolos, o que também intensifica as divergências entre os apoiadores de rivais.

É difícil pensar que Messi e Cristiano não tenham sido influenciados por essa rivalidade. Os dois disputaram ano após ano prêmios como a Bola de Ouro, o mais importante reconhecimento individual do futebol. O argentino venceu sete vezes, enquanto o português levou a melhor em cinco oportunidades. No entanto, os dois nunca foram de provocar um ao outro publicamente.

Em entrevista ao jornalista Piers Morgan, em 2022, Cristiano Ronaldo disse que tinha uma relação de companheiro de time com Messi, tamanho o respeito²¹. O português ainda falou que o argentino dividia com Zinedine Zidane o posto de melhor jogador que viu jogar. Em 2021, Lionel falou à revista France Football que a competição com Cristiano ajudou os dois a crescerem, ainda que nunca tenha tratado superar o rival como uma grande motivação²².

Até uma rivalidade respeitosa como a dos dois craques deixa escapar alguma faísca. Em campo, os dois já estiveram envolvidos em ocasionais discussões ao lado dos companheiros de time. Fora dos gramados, uma situação chamou a atenção. Em 2021, Cristiano concordou com um comentário de um fã nas redes sociais que chamava de roubo a escolha de Lionel Messi como melhor jogador do mundo naquela temporada.

Os critérios para a escolha do ganhador de prêmios como a Bola de Ouro passam muito por números e recordes. Aliás, nesse sentido, Messi e Cristiano fomentaram outras transformações na cobertura esportiva. A quantidade de gols e assistências exorbitantes da dupla contribuiu para o uso cada vez maior das estatísticas para efeito comparativo. A busca por recordes data desde o princípio da história do esporte (DE MELO; FORTES, 2010), mas foi um choque a aparição de dois atletas contemporâneos com uma facilidade tão grande para superar marcas históricas.

A lista de recordes batidos por esses dois jogadores é extensa. Lionel Messi é o dono,

²¹ Disponível em:

<<https://www.lance.com.br/futebol-internacional/cristiano-ronaldo-exalta-messi-e-diz-que-e-o-melhor-jogador-que-enfrentou.html>>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

²² Disponível em:

<https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/9617814/messi-comenta-rivalidade-com-cristiano-ronaldo-e-da-resposta-sincera-sobre-ser-melhor-da-historia-nunca-quis>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

por exemplo, das marcas de mais títulos na história do futebol (41) e mais gols em um único ano (91)²³. Cristiano Ronaldo, por sua vez, é detentor do feito de mais gols na história da Champions League (140) e mais gols por uma seleção nacional (118)²⁴.

Com tantos elementos favoráveis, a imprensa não precisou de muito esforço para explorar a rivalidade entre Messi e Cristiano. Uma das apostas para fomentar essa disputa, porém, foi ressaltar as características aparentemente divergentes entre os atletas. O argentino sempre foi apontado como o talento natural puro, enquanto o português representava o esforço e profissionalismo. Essas qualidades com certeza foram fator crucial para os fãs se identificarem mais com um ou outro.

Contudo, Messi e Cristiano só alcançaram tamanho sucesso no esporte se destacando também pela característica mais reconhecida pelo seu rival. Lionel é exemplo de profissionalismo, sempre presente nos treinos e com um histórico de raríssimas queixas sobre comportamento ou falta de esforço. Ronaldo, por sua vez, é um dos jogadores mais talentosos que já passou pelo futebol. O português chocou o mundo desde o início da carreira com o conjunto de habilidades: drible, velocidade, chute de fora da área, passe. Ainda assim, a imprensa soube identificar o que mais chamava a atenção em cada um e construir os seus personagens midiáticos em cima desses atributos marcantes.

Um giro rápido pelo Google é suficiente para perceber o destaque dado a essas características dos dois jogadores. Manchetes sobre Cristiano Ronaldo exaltam a sua capacidade atlética e destrincham a forma como a conseguiu, como nos exemplos a seguir: “Qual é a dieta e a rotina de treinos de Cristiano Ronaldo”²⁵, “Dieta e rotina de Cristiano Ronaldo: 6 refeições, sono intenso e exercícios”²⁶ e “Messi? Jornalista afirma que CR7 é o maior atleta que o futebol já teve”²⁷.

No caso de Messi, o foco é o talento natural, a genialidade impressionante, conforme exemplificado na sequência: “36 anos de Lionel Messi: a celebração de um gênio do futebol e

²³ Disponível em:

<https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/12230307/messi-completa-36-anos-com-24-recordes-individuais-e-6-marcas-incriveis-no-futebol-mundial-veja-numeros>. Acesso em: 9 de outubro de 2023.

²⁴ Disponível em:

<<https://www.goal.com/en/lists/cristiano-ronaldo-records-listed/blte685b372ff7aeb69#csbbbd3b048d80c2e7>>. Acesso em: 9 de outubro de 2023.

²⁵ Disponível em:

<<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/qual-e-a-dieta-e-a-rotina-de-treinos-de-cristiano-ronaldo/1t2y1xoqq1e461v66k4int3ixh>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

²⁶ Disponível em:

<<https://www.opovo.com.br/noticias/curiosidades/2021/09/22/dieta-e-rotina-de-cristiano-ronaldo-6-refeicoes-sono-intenso-e-exercicios.html>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

²⁷ Disponível em:

<<http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2016/07/messi-jornalista-afirma-que-cr7-e-o-maior-atleta-que-futebol-ja-teve.html>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

sua jornada vencedora”²⁸, “Lionel Messi: a redenção de um gênio do futebol mundial!”²⁹ e “Quando a ciência tentou explicar o fenômeno Lionel Messi”³⁰.

Outras características diferentes exploradas estão ligadas à personalidade. Durante a maior parte da carreira, Lionel Messi se mostrou mais tímido, retraído e não costumava falar com a imprensa, o que ajudou a consolidar a imagem de um atleta menos competitivo. Cristiano Ronaldo, por outro lado, sempre gostou mais de provocar os adversários, falar frases de efeito e aparenta se sentir muito à vontade com o status de celebridade.

Além de jogadores históricos, Messi e Cristiano Ronaldo se tornaram grandes marcas e celebridades. Os dois dividem acordos com empresas gigantes, o argentino com a Adidas e o português com a Nike, por exemplo. Um levantamento feito pela empresa de marketing esportivo Euromerics Sport Marketing apontou que, apenas na temporada 2021/22, mais de 1 milhão de camisas com os nomes de cada um dos craques foram vendidas ao redor do mundo³¹.

Lionel Messi e Cristiano Ronaldo são marcos na globalização do futebol. A rivalidade entre os dois astros fez camisas de clubes europeus se proliferarem pelas ruas brasileiras e impactou no dia a dia de todo fã de futebol. Qualquer criança nascida nos anos 2000 que acompanha o esporte já ouviu ou fez a pergunta: “Messi ou Cristiano Ronaldo?”.

²⁸ Disponível em:

<<https://glamurama.uol.com.br/notas/36-anos-de-lionel-messi-a-celebracao-de-um-genio-do-futebol-e-sua-jornada-vencedora/>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

²⁹ Disponível em:

<<https://sportbuzz.uol.com.br/noticias/futebol/lionel-messi-redencao-de-um-genio-do-futebol-mundial.phtml>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

³⁰ Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/quando-a-ciencia-tentou-explicar-o-fenomeno-lionel-messi/>>.

Acesso em: 3 de outubro de 2023.

³¹ Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/esportes/saiba-os-10-jogadores-que-mais-tiveram-camisas-vendidas-no-mundo-na-temporada-2122.2c940accceaea8c2894c7830fbf72aabqx2d3ido.html>>. Acesso em: 3 de outubro de 2023.

3. Relatório de produção

O podcast sobre rivalidades entre atletas começou a ser elaborado no segundo semestre de 2022. Inicialmente, a proposta pensada era gravar uma série de episódios, cada um contando a história de uma rivalidade específica. No entanto, a falta de tempo impediu que a ideia fosse para frente, pelo menos por enquanto. O novo formato escolhido foi o de um programa único, com até 20 minutos de duração, para abordar as rivalidades de forma geral, com discussões sobre o papel do jornalismo na construção dessas disputas.

Para abordar o tema de forma mais ampla, precisei destrinchar as diferentes implicações de uma rivalidade. Após reflexão e estudo, a pesquisa foi dividida em três campos principais: a importância da imprensa no processo de construção, o papel no engajamento do público com o esporte e o impacto na carreira dos atletas.

Inúmeros exemplos de rivalidades apareceram ao pesquisar sobre o tema, como entre os tenistas Rafael Nadal e Roger Federer ou entre os pugilistas Muhammad Ali e Joe Frazier. Todas essas disputas poderiam trazer discussões muito interessantes, mas restringi a apenas três exemplos principais, com o intuito de focar nos debates mais frutíferos dentro do curto tempo de duração do programa. As rivalidades escolhidas, então, foram Ayrton Senna x Alain Prost, Pelé x Maradona e Messi x Cristiano Ronaldo.

O passo seguinte foi a escolha das entrevistas. Entrei em contato com a professora Leda Costa ainda no início do processo de produção. Além de topar ser entrevistada, ela me ajudou a encontrar textos relevantes para a pesquisa bibliográfica. Na sequência, após elaborar a questão com o meu orientador Marcelo Kischinhevsky, busquei conversar também com Ronaldo Helal e Marcelo Barreto. Todos os entrevistados puderam contribuir para um debate crítico sobre o papel da imprensa na construção de rivalidades.

Depois de estudar, pesquisar e entrevistar, comecei a escrever o roteiro que seria gravado. Ao longo da escrita, tentei mesclar as falas dos entrevistados com exemplos concretos de rivalidades, inclusive com declarações dos atletas à imprensa. O objetivo buscado foi de um podcast fluido e rico não apenas para os pesquisadores e profissionais do jornalismo, mas também para todos os fãs de esporte.

3.1 Elaboração

Como explicado anteriormente, os exemplos de rivalidades escolhidos tiveram como intuito abordar aspectos diferentes um do outro. E foi a partir deles que eu mergulhei em uma

pesquisa, procurando declarações dos atletas, a repercussão da imprensa no auge daquela disputa, números nas redes sociais e muito mais. O objetivo também era conseguir tratar dos três campos principais (imprensa, público e atletas) dentro de cada uma das três rivalidades.

Eu nunca tive o hábito de acompanhar a Fórmula 1, então precisei pesquisar com ainda mais afinco a rivalidade entre Ayrton Senna e Alain Prost, apontada por diferentes jornalistas esportivos como a maior da história do esporte. E não demorou para entender o porquê de compartilharem essa visão. A pesquisa envolveu a leitura de jornais da época, artigos de opinião antigos e atuais e trabalhos acadêmicos, além de assistir aos momentos marcantes de corridas históricas protagonizadas pela dupla.

A disputa entre os dois pilotos foi, de certa forma, a mais direta, literal. Os dois não brigavam apenas por títulos, recordes, números, mas efetivamente por um lugar na pista. As ultrapassagens, as batidas propositais, os olhares no pódio, entre outros elementos, deram vida a uma rivalidade quase cinematográfica.

O exemplo da Fórmula 1 também abria um leque de opções de debate, como sobre a ética no esporte ou o nacionalismo e a parcialidade na imprensa esportiva. A construção de Ayrton Senna como herói nacional, até hoje citado como ídolo máximo por inúmeros atletas de diferentes gerações, por si só é muito interessante. Ao pensar no desenvolvimento de Alain Prost como vilão, porém, o debate é ampliado.

A rivalidade entre Pelé e Maradona possibilitou mais uma chance de discutir o nacionalismo e a parcialidade na imprensa, mas de forma diferente. O fato de não terem sido rivais diretos e serem de épocas diferentes exigiu uma discussão focada especialmente no papel dos meios de comunicação e do público. Como dois jogadores podem ser tão frequentemente associados sem nunca terem se enfrentado?

Ainda que de formas diferentes, Pelé e Maradona também são exemplos de grandes heróis nacionais no Brasil e na Argentina, respectivamente. Isso reforçou a importância da presença dessa rivalidade no projeto, uma vez que o debate sobre heroicidade no esporte apareceu recorrentemente nas referências bibliográficas pesquisadas e nas entrevistas conduzidas.

Por fim, seria impossível não falar sobre Lionel Messi e Cristiano Ronaldo. A rivalidade entre os dois fez parte de toda a minha vida. Os dois atletas despontaram quando também nascia a minha paixão pelo futebol, responsável inclusive pela minha opção de cursar jornalismo.

Escrever sobre essa rivalidade foi uma tarefa fácil. Ao longo da minha infância e adolescência, fui questionado por colegas inúmeras vezes com a pergunta “Messi ou Cristiano

Ronaldo?”. A resposta era capaz de estreitar laços ou criar um distanciamento. Escolher entre um dos dois jogadores parecia uma obrigação de qualquer fã de futebol da minha geração.

Mas a escolha de abordar a disputa entre Messi e Cristiano não foi só pessoal ou por facilidade. A rivalidade entre os dois tem projeção mundial e levanta debates muito interessantes sobre a globalização no futebol e o papel das redes sociais na relação entre fã e ídolo. Além disso, os jogadores protagonizaram disputas emblemáticas dentro de campo e na busca por recordes, prêmios e feitos históricos. A pesquisa para enobrecer a narrativa sobre essa disputa envolveu também a busca por diferentes números, tanto relacionados às redes sociais quanto aos feitos esportivos, uma tendência na cobertura da mídia na atualidade.

3.2 Entrevistas

A minha primeira convidada para dar uma entrevista foi a professora Leda Costa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Eu tive aulas com ela durante a minha passagem por aquela universidade no início da graduação, uma oportunidade de aprender muito sobre a comunicação e ainda me sentir realizado por estudar com uma profissional que também era apaixonada por futebol. Nas disciplinas ministradas por Leda, pude aprofundar questões sobre o jornalismo esportivo, o primeiro contato com o debate que originaria a ideia deste trabalho.

Leda Costa é pesquisadora do NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Esporte da Universidade Federal Fluminense) e integrante do grupo de pesquisas Esporte e Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Eu sabia que o currículo da entrevistada, com diversas pesquisas sobre a comunicação esportiva, poderia ajudar muito na discussão sobre o papel da imprensa na construção das rivalidades.

Assim como as entrevistas seguintes, a conversa foi conduzida através do aplicativo Zencast, que permite a gravação de áudios em boa qualidade. Durante o diálogo, tentei abordar as diferentes questões sobre as rivalidades, fazendo também perguntas acerca dos exemplos utilizados. A conversa aconteceu no dia 1º de agosto de 2023, durou pouco mais de 49 minutos e foi de grande valor, não só pelo material efetivamente utilizado no podcast e neste relatório, mas também com ganchos que serviram para eu me aprofundar na pesquisa.

O segundo entrevistado escolhido foi Ronaldo Helal, um dos mais conhecidos pesquisadores da mídia esportiva no país. Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e coordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME), ele já

desenvolveu diferentes pesquisas sobre a construção de ídolos e heróis no esporte, além de ter passado um período na Argentina estudando a visão do país e da imprensa local sobre Maradona e Pelé.

Na entrevista com Ronaldo Helal, também tentei abordar as diferentes nuances da rivalidade. Eu sabia que a conversa seria especialmente valiosa para a discussão sobre Maradona e Pelé, mas também agregou muito em todos os outros campos deste trabalho. O diálogo aconteceu no dia 11 de julho de 2023 e durou cerca de 30 minutos.

Na sequência, decidi entrevistar também Marcelo Barreto, professor voluntário na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e um dos jornalistas esportivos mais conceituados do país. Com longa experiência no Grupo Globo e atuando como editor-chefe do SporTV, ele pôde trazer uma visão de como os meios de comunicação tradicionais olham para a rivalidade no esporte.

A entrevista foi conduzida no dia 23 de agosto de 2023 e durou cerca de 16 minutos. Na conversa, ele analisou o espaço da rivalidade na imprensa, no engajamento do público e na carreira dos atletas, além de trazer exemplos concretos da repercussão dessas disputas no dia a dia de um jornal esportivo.

Após a condução de cada entrevista, comecei a decupar a conversa. Eu separei quais foram os assuntos abordados em cada parte, com a respectiva minutagem, e transcrevi o início e o final de cada trecho. A partir de então, comecei a juntar as falas sobre o mesmo tema de cada um dos entrevistados para pensar em como elas poderiam ser utilizadas dentro do podcast ou na elaboração do relatório.

Todas as entrevistas foram fundamentais para a construção do trabalho de conclusão, que começou a realmente tomar forma após essas conversas. Os diálogos com profissionais tão qualificados me ajudaram a entender os tópicos mais importantes da discussão sobre rivalidades e me deram os caminhos para a continuidade da pesquisa, indo muito além dos trechos efetivamente utilizados durante o programa.

3.3 Roteiro

Escrever o roteiro foi uma das tarefas mais difíceis deste projeto, ao mesmo tempo em que foi uma das mais empolgantes. Com tanto conteúdo disponível através das entrevistas e da pesquisa, o desafio passou a ser extrair as informações mais importantes e juntar em um programa curto. Tudo isso com o objetivo de ser um podcast confortável de se ouvir e que

pudesse informar e causar reflexão sem se tornar maçante ou demasiadamente extenso.

Para alcançar essa meta, foi necessário organizar muito bem as informações. O primeiro passo foi dividir o roteiro em alguns tópicos importantes já ordenados e, a partir de então, colocar os conteúdos disponíveis dentro de cada um deles. Por fim, precisei filtrar os objetos que seriam utilizados e pensar na forma como entrariam no produto final. Tão importante quanto as informações pesquisadas foi a forma de escrita, tentando adaptar o conteúdo à linguagem de um podcast, sempre lembrando que o texto seria escutado e não lido. Para isso, a ajuda do meu orientador Marcelo Kischinhevsky, com vasta experiência em conteúdo radiofônico, foi fundamental.

Pensar neste projeto passo a passo, evoluindo uma etapa de cada vez, tornou o processo muito menos complicado. A decupagem das entrevistas, já selecionando os principais trechos e dividindo em tópicos, ajudou a visualizar a forma e cronologia do roteiro antes mesmo do início da escrita.

Em resumo, a narrativa foi construída de forma que os conteúdos fossem bem distribuídos, intercalando trechos maiores de narração com sonoras dos entrevistados. O roteiro também procurou mesclar a discussão teórica com as histórias do esporte, a principal via de conexão com o público. Por fim, buscou-se uma narrativa com início, meio e fim, terminando com uma conclusão que abordasse a essência das rivalidades sem deixar de lado o debate sobre o papel da imprensa.

3.4 Gravação e edição

Com o roteiro finalizado, o próximo passo foi a gravação. O processo foi feito no Laboratório de Rádio do Centro de Produção Multimídia (CPM) da ECO-UFRJ, sob supervisão e auxílio do técnico Sergio Muniz. Com a utilização do equipamento da universidade e a ajuda de um excelente profissional, foi possível garantir a qualidade técnica do produto final. A gravação foi realizada no dia 24 de outubro.

Como recomendado pelo meu orientador Marcelo Kischinhevsky, convidei uma outra voz para gravar dois trechos do podcast: a entrevista de Alain Prost e a passagem do livro de Felipe Tartas. O encarregado foi o meu amigo Danilo Jordão, estudante do curso de Rádio e TV da UFRJ.

O responsável pela edição também foi Sergio Muniz. Com as sonoras devidamente indicadas no roteiro, ele montou o programa e deixou o áudio o mais limpo possível. Ao

longo do processo de edição, mantivemos contato constante para fazer todos os ajustes necessários buscando o melhor resultado para o ouvinte.

A última etapa foi a criação de uma identidade sonora para acompanhar o programa. Sergio selecionou uma trilha no banco de músicas sem direitos autorais ao qual tinha acesso, que tornou o programa mais leve e conectado ao tema. A fala utilizada na vinheta, “Rivals: a disputa de atletas em um podcast”, deixou margem para que o programa venha a ter uma sequência com outros episódios ligados à mesma temática. Nesse caso, a vinheta e a trilha poderão ser novamente utilizadas.

Com todas as etapas concluídas, o produto final alcançou o objetivo de ser um podcast informativo e leve ao mesmo tempo. Por mais que tenha sido um processo cansativo, ver o resultado foi extremamente gratificante e recompensador. A sensação me deixou motivado a continuar elaborando outros episódios para tratar das rivalidades entre atletas, com a possibilidade de me aprofundar em diferentes exemplos presentes na história do esporte.

4. Considerações finais

Eu acredito que o objetivo de concluir o curso de jornalismo com um trabalho que representasse as minhas vivências na graduação foi alcançado com sucesso. O projeto prático e o consequente desenvolvimento teórico contemplam diferentes aprendizados que obtive nas duas universidades pelas quais passei, desde as discussões sobre o papel dos meios de comunicação aos formatos de um produto jornalístico, no caso o podcast.

O debate acerca da influência da mídia no consumo do esporte não tem uma resposta conclusiva. Os meios de comunicação retroalimentam aquilo que mais desperta emoção e curiosidade do público. Nesse sentido, a rivalidade é um mecanismo importante para gerar engajamento e atrair mais espectadores para as competições esportivas.

Como visto, isso não significa que a paixão gerada por uma rivalidade seja produzida pelos meios de comunicação, muito pelo contrário. A disputa é a essência do esporte, rivalizar faz parte de qualquer competição. Para os atletas, a gana por superar o adversário é indispensável. Para o torcedor, o envolvimento com a competição é alimentado pela escolha de um lado. No entanto, a imprensa é capaz de intensificar esses sentimentos. A forma de se fazer jornalismo esportivo raramente deixa margem para um espectador que esteja interessado apenas em apreciar o esporte.

A imparcialidade pura é um conceito batido no jornalismo, mas a cobertura esportiva no Brasil permite uma parcialidade verdadeiramente explícita em determinados momentos, especialmente na disputa entre um brasileiro e um estrangeiro. Alguns autores entendem que o público clama por uma imprensa que escolha o lado dos atletas nacionais. No entanto, será que existe algum limite ético para essa parcialidade? É justo que um esportista seja tratado como vilão? Ou até mesmo, é correto dar a alguém a enorme responsabilidade de ser um herói?

Também é curioso pensar nos rumos que essa discussão pode tomar nos próximos anos ou décadas. Em um mundo globalizado, é comum vermos brasileiros torcendo para equipes estrangeiras ou apoiando atletas de outros países. Na última Copa do Mundo, por exemplo, fãs de Lionel Messi escolheram torcer para a Argentina como forma de consagração do seu ídolo. As redes sociais e as facilidades da cobertura esportiva na atualidade permitem um contato mais próximo com esportistas estrangeiros.

Talvez essa nova dinâmica do esporte possa afetar a forma de se fazer jornalismo esportivo. Será que a imprensa dará lugar aos torcedores que não clamam por parcialidade ou tentará suprimir esse movimento reforçando com ainda mais convicção e afínco o formato

atual?

A cobertura esportiva também passa por outras mudanças. Plataformas de streaming pertencentes a grandes empresas passaram a investir nas transmissões de competições na internet. A maior competitividade no mercado pode transformar o fluxo da exibição de esportes no país e no mundo.

Como observado, o jornalismo esportivo costuma dar mais espaço a uma competição exibida pelo mesmo meio de comunicação. Portanto, o número maior de detentores de direitos de transmissão desperta curiosidade sobre os rumos da imprensa esportiva.

Apesar de o espaço das rivalidades nos meios de comunicação não depender apenas do interesse público, mas também comercial, foi consenso entre os entrevistados deste trabalho de conclusão que elas são grandes histórias. E, essencialmente, o papel do jornalismo é justamente contar grandes histórias, como as corridas caóticas disputadas por Senna e Prost, a busca por recordes e prêmios protagonizada por Messi e Cristiano Ronaldo ou as discussões acaloradas sobre a preferência por Pelé ou Maradona.

As diferentes modalidades esportivas costumam ser marcadas por rivalidades, seja entre atletas ou equipes, nos diferentes momentos da história. Normalmente, os meios de comunicação e o público tentam encontrar um novo embate marcante no período que sucede o fim de uma grande disputa. O amplo domínio de um atleta ou de um time não é uma história tão interessante, mas até nesses casos surgem formas de se manter a disputa viva: os recordes que serão superados, as comparações com atletas do passado, entre outras.

As grandes rivalidades têm as suas especificidades, como pude observar e contar através da pesquisa acerca dos exemplos selecionados. O mesmo também valeria para outras tantas disputas que não tiveram espaço neste trabalho.

Algumas pessoas contestam a classificação da Fórmula 1 como um esporte por depender de um automóvel e não da superação física. Ao mesmo tempo, é uma modalidade que cultiva de forma única a essência do esporte: a disputa. Por isso, o automobilismo é acompanhado por milhões de espectadores ao redor do mundo, um movimento que se consolidou com a rivalidade entre Ayrton Senna e Alain Prost.

O futebol, esporte tão antigo e o mais acompanhado do mundo, foi responsável por protagonizar diversas grandes disputas. Por ser um esporte coletivo, porém, também engloba rivalidades entre equipes, extremamente fortes. Ainda assim, ele é composto de personagens e os maiores deles são capazes de centralizar momentos da história da modalidade.

Por isso, o caso da rivalidade entre Messi e Cristiano Ronaldo é tão emblemático. Poucas vezes dois atletas tão grandiosos tiveram carreiras tão próximas. Os dois se tornaram

as caras do futebol europeu por mais de uma década. O feito de um sempre gerava comparações com os resultados do outro.

Talvez, em outra época, essa rivalidade fosse vivida muito mais por quem estivesse próximo. Em um mundo globalizado, porém, a disputa tomou conta do noticiário esportivo do planeta inteiro. A influência de Messi e Cristiano extrapolou apenas o esporte e os dois se tornaram celebridades conhecidas e até admiradas mesmo por pessoas que não acompanham futebol.

As grandes histórias do esporte, pelo menos até o momento, não são perenes. Os feitos de atletas viram recordes e voltam à tona sempre que surge outro grande esportista da mesma modalidade. E é por isso que atletas que sequer atuaram na mesma época podem se tornar rivais, como no caso de Maradona e Pelé.

Contudo, a rivalidade entre os dois jogadores vai muito além de feitos ou mesmo da disputa pelo posto de melhor da história. Pelé e Maradona encarnam a rivalidade entre Brasil e Argentina. A idolatria por esses astros é vivida de maneira diferente pelos torcedores dos dois países, mas para ambos é muito importante a projeção dos atletas como heróis responsáveis por superar as seleções do restante do planeta.

Ainda que nem sempre tenham tido boa relação, Pelé e Maradona não foram os grandes responsáveis pela construção dessa rivalidade. Como a disputa não aconteceu dentro dos gramados, ela foi levada adiante pela imprensa dos dois países, além dos torcedores. Jornais do Brasil se incomodavam com as comparações dos periódicos argentinos. A rivalidade também marca presença até hoje nas principais músicas provocativas entre as torcidas das nações vizinhas.

Pessoalmente, foi um prazer mergulhar em todas essas rivalidades. Ler sobre disputas marcantes me permitiu reviver essas histórias. Enquanto jornalista e apaixonado por esporte, os embates entre atletas me cativam. Ainda que o esporte sempre tenha feito parte da minha vida, a construção deste trabalho trouxe incontáveis aprendizados e reflexões. Tudo isso foi de grande valor para a minha formação profissional.

5. Referências bibliográficas

BATISTA, Tatiana; VELÁZQUEZ, Carlos. O papel da Rede Globo na consolidação do mito Ayrton Senna. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. **Anais**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2018, p. 1-16. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0036-1.pdf>.

BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 25., 2002, Salvador. **Anais**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2002, p. 1-21. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ea984db34c55cfc94d2f75bb662887f6.pdf>.

DA SILVA, Ana Paula. **Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

DE MELO, Victor; FORTES, Rafael. História do esporte: panoramas e perspectivas. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=588265664002>. Acesso em: 19 set. 2023.

DINIZ, Iara; CALEIRO, Maurício. Esporte e Mídia: Uma Interdependência de Consumo. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE*, 17., 2012, Ouro Preto. **Anais**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2012, p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-0058-1.pdf>.

GASPARINO, Henrique. **Estudo da transmissão esportiva na televisão brasileira**. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Baurú: Unesp, 2013.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18482/1/BuscaNacionalismoMeio.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

HELAL, Ronaldo. Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística. **Revista brasileira de futebol**, Rio de Janeiro, jul. 2009. Disponível em: <https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/view/58/54>. Acesso em: 26 set. 2023.

KYLE, D.G. **Sports and Spectacle in the Ancient World**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

LEITE, João. **Discursivizações sobre Ayrton Senna e certa representação de brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Discursos Linguísticos). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

MASSARANI, Diano. Onde os deuses se encontram: reflexões acerca das categorias “apolíneo” e “dionisíaco” a partir da construção de representações sobre Pelé. **Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v.2, n.1, p. 66-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/236299/29976>. Acesso em: 26 set. 2023.

TARTAS, Felipe. **Ayrton Senna, herói de uma nação: a reconstrução sociológica de um mito nacional**. Tese (Doutorado em Sociologia). Brasília: UnB, 2019.

RANGEL, Patrícia. A Mídia e a Construção do Herói Esportivo: Análise da Revista Placar com Neymar Crucificado. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 36., 2013, Manaus. **Papers**. São Paulo: Faculdades Integradas Rio Branco-SP, 2013, p. 1-11. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1650-1.pdf>.

RIBEIRO, Simone. **Ayrton Senna herói nacional**. Monografia (Graduação em Jornalismo). Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2006.

RIBEIRO, Luiz. Futebol: por uma história política da paixão nacional. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 57, p. 15-43, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30570/19763>. Acesso em: 5 de outubro de 2023.

VOGLER, Christopher. **The Writer's Journey**. Studio City: Michael Wiese Productions, 1998.

6. APÊNDICE

6.1. APÊNDICE A - ROTEIRO DA REPORTAGEM EM ÁUDIO

Tabela 1: Roteiro do podcast

Roteiro do podcast
VINHETA
Rivais: a disputa entre atletas em um podcast.
NARRAÇÃO DE OUTRA PESSOA
“Fiz muitas coisas, ganhei muitas corridas e campeonatos sem ele, mas nossa história está totalmente ligada. Não há um momento sequer em que, se alguém fala em Prost, não mencione Senna, e vice-versa. Não apenas minha carreira, mas também minha vida está ligada a ele. Vivo com ele há uns 30 anos.”
NARRAÇÃO 1
<p>O ex-piloto francês Alain Prost falou isso sobre a rivalidade com Ayrton Senna, em entrevista recente à agência de notícias AFP. A rivalidade entre os dois foi o cerne da Fórmula 1 entre o fim dos anos 1980 e início da década de 1990.</p> <p>A disputa é a essência do esporte. Desde a Grécia Antiga, atletas duelam para ver quem é o mais rápido, mais forte, mais habilidoso. Os confrontos pelo topo de uma modalidade mexem com o público. A partir de disputas longínquas de alto nível, nascem rivalidades que centralizam as discussões no mundo esportivo e geram histórias que a imprensa adora contar.</p> <p>Perguntar se os meios de comunicação pautam os interesses do público ou o contrário é quase um questionamento sobre o que veio antes: o ovo ou a galinha? Para o sociólogo, professor e pesquisador de comunicação esportiva na Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Ronaldo Helal, as rivalidades são intrínsecas ao esporte, mas também são alimentadas pela imprensa.</p>
SONORA 1
Ronaldo Helal: 00:50 - 02:08
“O que vem primeiro? A gente nunca sabe. É uma via de mão dupla: os esportes, na sua natureza, precisam dessa rivalidade, uma discussão sobre quem é melhor. (...) E, claro, a mídia vai retroalimentando, mas existe uma coisa do esporte. (...) A mídia, cobrindo o esporte, tem um papel fundamental em fomentar essas rivalidades.”
NARRAÇÃO 2
<p>A divulgação dos principais eventos esportivos costuma girar em torno das disputas entre os principais atores do espetáculo. Às vésperas de uma partida de futebol, por exemplo, as redes sociais são recheadas com banners que colocam os melhores jogadores de cada time frente a frente. Os programas de televisão no estilo “mesa redonda” debatem frequentemente o melhor ou maior atleta. Para Marcelo Barreto, jornalista do SporTV e mestrando em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, as rivalidades são aproveitadas de forma inteligente pela imprensa.</p>
SONORA 2
Marcelo Barreto: 00:42 - 2:18
“A imprensa esportiva tem dois papéis: um é noticiar o evento, e o outro é promover o evento. (...) A rivalidade certamente é uma das formas de promover o evento, porque é uma das formas de chamar atenção e criar expectativa. Então, acho que a imprensa explora muito por isso. (...) Tudo

isso ajuda a aumentar a expectativa pelo evento.”

NARRAÇÃO 3

O esporte tem uma capacidade única de criar heróis. A literatura e o cinema mostram que é difícil construir um herói sem a presença de um vilão. Por mais que a realidade seja muito mais complexa do que uma disputa do bem contra o mal, a imprensa esportiva também se vale do antagonismo para exaltar ídolos.

O nacionalismo, especialmente, abre espaço para uma parcialidade socialmente aceita no jornalismo esportivo. Esse método pôde ser visto na construção de Ayrton Senna como um herói. Na ocasião, Prost foi escolhido como vilão. Enquanto isso, na França, a visão era outra. Em sua tese de doutorado, “Ayrton Senna, herói de uma nação: a reconstrução sociológica de um mito nacional”, o sociólogo Felipe dos Santos Tartas, membro do grupo de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento da Universidade de Brasília falou sobre a disputa nacionalista entre os dois pilotos. Segue a citação:

NARRAÇÃO DE OUTRA PESSOA

“Em sua disputa com Alain Prost, Ayrton Senna é o impetuoso, aquele que traz em seu corpo a marca da identidade nacional brasileira, de ‘sangue quente’ produto dos trópicos, Senna se diferencia radicalmente de seu rival ‘frio’ e ‘cerebral’ Prost. O espaço em que se realiza a competição da Fórmula 1 é o espaço em que se realiza a disputa entre definições de ser correspondentes às suas identidades nacionais.”

NARRAÇÃO 4

Diferentes jornalistas compartilham a visão de que a rivalidade entre Senna e Prost foi a maior da história do esporte. Por mais que tenha durado pouco tempo, ela certamente foi uma das mais intensas. O cenário da Fórmula 1, onde movimentos dentro da pista podem colocar em risco a vida dos adversários, contribui para uma disputa gerar também um debate ético fervoroso. E, no caso de Senna e Prost, corridas históricas foram marcadas por repetidos casos de batidas intencionais. Portanto, a rivalidade entre o brasileiro e o francês foi encarada muito a sério pelos dois nas pistas, aproveitada pela imprensa e impulsionada pelo nacionalismo.

O nacionalismo pôde ser observado também no tratamento de outro herói nacional: Pelé. Por muitos anos, o jogador reinou soberano. O incontestável Rei do Futebol. A imprensa brasileira se deliciou com o surgimento de outro mago da bola nos anos 1980, Maradona. No entanto, quando Diego começou a ser comparado com Pelé na Argentina, a abordagem mudou bastante, como conta a professora e pesquisadora do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da UERJ, Leda Costa.

SONORA 3

Leda Costa: 18:02 - 19:48

“Se Pelé foi atacado, se aciona imediatamente quem seria a sua antítese, Maradona. Para proteger o que? (...) Pelé representa o atleta do século, brasileiro. Quando surge a pergunta Pelé ou Maradona, cai o mundo quando se responde Maradona. (...) A gente tem uma construção midiática muito forte nessa rivalidade, que de maneira empírica nunca houve de fato, foi alimentada pela imprensa e é acionada em momentos específicos. Ela é acionada quando a identidade brasileira é afetada ou contestada, quando se coloca que Maradona é melhor que Pelé.”

NARRAÇÃO 5

Por mais que nunca tenham se enfrentado dentro de campo, Pelé e Maradona se tornaram rivais através dos torcedores e da imprensa. O futebol tem uma importância enorme na vida de brasileiros e argentinos. Maradona trouxe um título mundial para a Argentina em 1986, ainda eliminando a Inglaterra da Copa quatro anos depois da Guerra das Malvinas. Pelé foi tricampeão mundial e permitiu ao brasileiro se sentir superior ao resto do mundo e poder exclamar que vive no país do futebol. Duas figuras fundamentais na construção da identidade nacional dessas nações.

Os dois grandes jogadores passaram a centralizar a rivalidade entre Brasil e Argentina. Os argentinos cantam que Maradona é maior do que Pelé em músicas como “Brasil decime qué se siente”. Enquanto isso, brasileiros se valem, de forma questionável, do histórico de dependência química do ídolo argentino para compará-lo com Pelé em suas canções.

Pelé e Maradona são um caso diferente de uma disputa criada fora das competições. Mas muitos outros atletas viveram rivalidades essenciais para as suas carreiras. E qual impacto essas rivalidades têm nos atletas? Para isso, gostaria de trazer uma história do mundo do basquete.

“O jogador LeBradford Smith anotou 37 pontos contra o Chicago Bulls em uma péssima performance de Michael Jordan. Jordan disse que, após o jogo, Smith falou ironicamente ‘Bom jogo, Mike’. Então, Jordan prometeu aos companheiros antes da próxima partida contra Smith que faria a mesma pontuação que o adversário anotou no duelo anterior apenas no primeiro tempo. Ele fez. Anos depois, repórteres perguntaram se Smith realmente havia o provocado após o enfrentamento e Jordan admitiu ‘Não, eu inventei aquilo’” - esse relato está na série “The Last Dance”, da Netflix, que conta a história do último título de Michael Jordan com o Chicago Bulls.

Com seis títulos em seis finais, o ex-jogador de basquete reinava absoluto na NBA na década de 1990. Mas, para ele, era essencial a existência de um rival, um antagonista, a ponto de inventar uma fala de um adversário como forma de motivação. Essa necessidade de disputa é muito particular de cada atleta, como explica Marcelo Barreto, que lembra a rivalidade entre Ayrton Senna e outro piloto brasileiro de Fórmula 1, Nelson Piquet.

SONORA 4

Marcelo Barreto: 06:33 - 07:14

“Vai depender do temperamento do atleta, tem atleta que se alimenta dessa rivalidade, e outros se ressentem disso, não vão gostar. Cada um vai tentar a sua maneira de dar menos ou mais importância. No caso Senna x Piquet, o Piquet se alimentava disso, se divertia, deu entrevistas polêmicas. O Senna não gostava, fechava a cara, não queria debater. Isso passa muito pela característica do atleta.”

NARRAÇÃO 6

Uma rivalidade em especial marcou o mundo esportivo nos últimos anos: Messi versus Cristiano Ronaldo. Protagonistas do esporte mais popular do planeta, os dois disputaram títulos e prêmios individuais ano após ano, especialmente enquanto vestiam as camisas de Barcelona e Real Madrid, dois dos mais populares clubes do mundo.

A rivalidade entre os dois sempre foi muito bem aproveitada pela imprensa, que fez questão de identificar e ressaltar as diferenças entre eles. Messi é o talento puro, o gênio. Cristiano, o símbolo do esforço e profissionalismo. O argentino, porém, também sempre foi dedicado e focado no futebol como poucos atletas. Da mesma forma, o português despontou no esporte como um dos jogadores mais habilidosos já vistos.

Apesar de uma disputa fervorosa entre os seus respectivos fãs, Cristiano e Messi nunca embarcaram muito nessa rivalidade. Ou pelo menos não de forma direta. Ao longo dos anos, os dois craques deram várias declarações respeitadas um em relação ao outro.

Cristiano Ronaldo já disse que Messi é o melhor que viu ao lado do francês Zinedine Zidane, e ainda falou que tinha uma relação de companheiro de equipe com o argentino, tamanho o respeito mútuo.

Messi, por sua vez, elogiou a competição entre os dois, disse que ajudou ambos a crescerem na carreira. Mas deixou claro que nunca olharam muito um para o outro em busca de motivação.

Para Marcelo Barreto, esse tipo de rivalidade sempre foi levada mais a sério pelos fãs do que pelos atletas. No entanto, essas discussões ganharam na internet um terreno fértil para germinar.

SONORA 5

Marcelo Barreto: 09:03 a 10:14

“No geral, a rivalidade sempre foi levada mais pelos fãs do que pelos atletas, o que muda com as redes sociais é a visibilidade. (...) Hoje está mais acessível o que o torcedor fala, a reação do fã, tem mais coisa visível. Antes, era preciso passar pelo filtro da imprensa, que hoje não é mais necessário”

NARRAÇÃO 7

Na visão de Leda Costa, as redes sociais mudaram a forma com a qual os fãs se relacionam com os atletas. Cada vez mais, esportistas se tornam celebridades. Não à toa, Cristiano Ronaldo é a personalidade mais seguida no Instagram, com mais de 600 milhões de seguidores. Enquanto isso, Messi é dono da foto mais curtida da história da mesma rede social: pouco mais de 75 milhões de likes no registro com a taça da Copa do Mundo.

O engajamento dos fãs desses atletas globais é impressionante. São milhares de páginas dedicadas a exaltar grandes esportistas e, é claro, criticar o seu maior rival.

SONORA 6

Leda Costa: 24:00 - 30:00

“A internet amplificou as possibilidades, no caso específico do esporte, de haver uma relação dos fãs com esses esportistas que não necessariamente passam pelo esporte. Muitos atletas de alto nível são também celebridades. (...) É uma coisa mais criada pelos fãs do que as pessoas envolvidas, as redes sociais modificaram muita coisa. No esporte, esse contexto contemporâneo, a globalização, a propaganda, criaram essas figuras, atletas que também são celebridades mundialmente conhecidas. (...)”

NARRAÇÃO 8

Essas discussões, seja nas redes sociais ou em qualquer outro campo, costumam ser infrutíferas. É quase impossível um fã ser convencido de que o rival do seu ídolo é melhor ou maior na história do esporte. Isso porque essa paixão, esse elo, nasce da identificação, e não de fatos estatísticos.

Essa capacidade de despertar paixões dentro de um universo tão competitivo ajuda a explicar a importância do esporte ao redor do mundo. As rivalidades nada mais são do que um confronto entre diferentes formas de se chegar a um objetivo, a vitória.

SONORA 7

Leda Costa: 08:35 - 09:50

“Essa rivalidade entre atletas existe no campo esportivo propriamente dito, mas é uma excelente história para contar. A rivalidade é o coração do esporte (...) O esporte tem uma natureza de competição, de convocação das paixões e da rivalidade. (...) Quem disputa as competições, sabe disso, o papel da excitação esportiva.”

NARRAÇÃO 9

Segundo o roteirista Christopher Vogler, o rival, na literatura, é aquele que é o principal competidor do herói, que quer superá-lo, mas nunca matá-lo.

Não existiria esporte sem competição. Uma rivalidade é uma relação de disputa, mas também de admiração. Para os maiores, é uma honra ter alguém à sua altura. Messi e Cristiano Ronaldo. Senna e Prost. Os tenistas Roger Federer e Rafael Nadal. É impossível contar a história desses atletas sem passar também pelos seus rivais.

E, no final das contas, o papel da imprensa é contar as melhores histórias possíveis. Se uma rivalidade é o ápice da disputa e a disputa é a essência do esporte, nada mais digno que as

rivalidades pautarem a cobertura esportiva.

CRÉDITOS

Este podcast foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, na Escola de Comunicação. Produção e apresentação: Pedro Werneck. Orientação: Marcelo Kischinhevsky. Edição: Sergio Muniz.

Fonte: Elaboração do autor